

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O FACHO

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
REDACÇÃO Rua Guerra Junqueiro 340-Porto
(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO L.d.r.
Rua de S. Bento da Victoria, 1
PORTO

Um grande de Israel morreu



O Pôrto israelita está de luto e de luto está Israel.

A pequena comunidade portuense perdeu um dos seus membros beneméritos, a grande congregação de Israel perdeu um dos seus valiosos pilares.

A obra de resgate dos maranos portugueses chegou ao conhecimento daquele grande espírito, bondoso coração e lúcida intelligencia e Edmundo — o generoso enviou 500 Libras para a construção do Templo Fonte da Vida, sinagoga-catedral do movimento redentor, sem que lh'o tivéssemos pedido. E' que a sua alma diamantina e pura de israelita, sacerdote da Humanidade, não podia ficar insensível a esta obra de sacro idealismo.

Não houve actividade israelita cons-

trutiva em prol do Bem, da Verdade, da justiça e do amor da Humanidade a quem Ele não desse um pouco do seu grande esforço.

Judeus Maranos de Portugal encomendai nas vossas orações a alma piedosa daquele que no mundo se chamou o Barão Edmond de Rothchild, elevando o nosso coração em homenagem à Santissima Unidade, que nos enviou tão belo guia, ao qual Ele depois de ter desempenhado a sua nobre missão, acaba de o chamar á sua divina presença para o galardão bem merecido e para o repouso eterno no reino de Deus,

Visado pela Comissão de Censura

O barão Edmond de Rothschild

O barão Edmond de Rothschild expirou pacientemente a 2 de novembro no seu castelo de Bolonha, rodeado de todos os seus. Esta notícia admirou e comoveu o judaísmo francês e suscitou no mundo inteiro uma indelével emoção. Ele fazia parte do número das pessoas que souberam fazer o bem, ao mesmo tempo com arte e com método e também com modéstia e com discernimento. Aparecia já como um profeta da história, tanto o seu nome era venerado nas comunidades mais longínquas, mas era um profeta de França, que soubera ornar toda a sua actividade com delicadeza, regra e com aquela harmonia clássica que elle gostava de encontrar até nas velhas gravuras.

Nascido em Paris a 19 de Agosto de 1845, Edmond de Rothschild era filho de barão James e manifestou desde a sua mocidade, um gosto profundo pelos estudos e pelas artes plásticas. A sua educação religiosa foi dirigida por Albert Cohn. Depois da morte de seu pai, em 1868, tomou a direcção do banco em companhia de seus irmãos, o barão Alphonse e o barão Gustave, com os quais colaborou toda a sua vida na mais afectuosa intimidade. Casou com Adelaide de Rothschild, da qual teve três filhos, a baroneza Myriam, o barão James e o barão Maurice, senador dos Hautes-Alpes.

Não nos propomos descrever qual o papel que o barão Edmond desempenhou no banco, fundado pelo seu pai, cuja divisa ficou: *Concordia, industria, integritas*; qual a influência que teve no mundo da indústria na qualidade de administrador dos caminhos de ferro de Este, qual a estima que encontrou na sociedade parisiense na qual ocupou um lugar de primeiro lugar. Bastar-nos-á precisar os títulos eminentes de mecenas e do filantropo.

Pertencendo à Academia das Belas Artes desde 1906, na secção dos membros livres tornou-se o decano de eleição. Soube reunir numa colecção de estampas e de

gravuras que se apresentava como uma das mais preciosas da Europa. Membro do Conselho dos Museus, ofereceu à França um tesouro de prata greco-romana que foi descoberto no Basco-Real, perto de Pompei. Em 1919, creou em Londres a «Maison de l'Institut de France», para facilitar os estudos dos sábios franceses na Inglaterra. Mas os artistas não eram os únicos que aproveitavam as suas liberalidades. No momento em que lamentava a miséria dos nossos laboratórios, teve a ideia de criar para os sábios uma obra durável. Foi assim que fundou, em 1927, este magnífico Instituto de Biologia físico-química, dirigido pelo sr. Jean Perrin, laureado com o prémio Nobel, onde elle próprio gostava de ir, há algumas semanas, parando perto do ascensor para assistir às pesquisas e aplaudir às menores descobertas que enchiam de alegria a sua imaginação sempre viva.

Presidente do Consistoire de Paris no qual sucedera a seu irmão, o barão Gustave, interessou-se por todas as obras da Comunidade, em particular pela fundação de Rothschild do qual foi igualmente Presidente. Desde o começo das perseguições hitlerianas, tomou a direcção do primeiro Comitê de Acolhimento, tornando a fazer depois de cinquenta e três anos de intervalo o gesto que fez em 1880, com os seus irmãos, para defender e socorrer os Judeus de Rússia. Interessou-se especialmente pela sorte dos professores privados da sua cadeira e dirigiu em julho de 1933, um comovente apêlo ao judaísmo francês invocando a solidariedade necessária e «todos os deveres que esta palavra significa». Nesta obra de solidariedade via um tarefa patriótica, porque não estava completamente convencido da missão de França, «terra benedicta de liberalismo e dos nobres sentimentos». Foi para obedecer a convicções análogas que tomou parte notável na guerra de 1870, da qual trazia arrogantemente a medalha comemorativa e que, de 1914 a 1918, poz à disposição da autoridade militar de acordo com o barão Edward e o barão Robert de Rothschild, e creou, nas suas propriedades três ambulâncias cuja manutenção assegurou.

A sua beneficência não se limitava às organizações oficiais. Insistia muitas vezes para que não apparecesse nunca o seu nome.

Secundado por uma companhia e colaboradores avisados sabia descobrir a miséria e fazia-o bem fora dos limites da nossa conlissão; conforme os preceitos da verdadeira caridade preferia dar muito de-prensa a deixar passar uma ocasião de mitigar um verdadeiro infortunio.

Mas o lugar sobretudo que ele ocupará na história do judaísmo figura no papel que êle desempenhou na reconstrução da Palestina. Muitos antes do nascimento do sionismo, alem da preocupação politica, o barão Edmond de Rothschild teve a ideia de melhorar a vida dos judeus perseguidos permitindo-lhe retomar contacto com o sólo de Eretz Israel (Terra de Israel). Não é sob a influencia de algum teórico, mas bem de acôrdo com o rabbi mor Zadoc Kahn, como êle próprio o escreveu, que resolveu em 1882, ajudar as colonias onde havia «centros em que a cultura moral e intelectual judaica poderia desenvolver-se». Fez vir primeiramente várias familias de agricultores russos, estabeleceu-se num território cuja posse lhes assegurou e deu a esta colônia, o nome de Ekron; em memória da sua venerada mãe; depois ocupou-se de Petah Tikva onde criou a cultura da laranjeira, de Markereth-Bathya, de Rischon-le-Sion, da Samaria onde esgotou um pântano de 2 mil ares da Alta e da Baixa Galileia. Esta obra lutou com dificuldades de tôta a espécie, mas o barão Edmond de Rothschild não perdeu a coragem. Ele fez várias viagens á Palestina, em 1887, em 1893 em 1899 e em 1914.

Foi recebido cada vez com mais alegria, mas durante a viagem que fez em 1925, quando a declaração Balfour fez de Eretz Israel uma realidade internacional, garantida pelos tratados, foi acolhido com transportes de entusiasmo. Em Agosto de 1899 entendeu-se com a *Jewish Colonization Association* á qual transmitiu a administração das suas colônias. Em 1924, de accordo com êle ICA creava, para a Palestina, uma organização independente, a Picá (Palestine Jewish Colonization) que, ficando fiel ao espirito do barão Edmond, pode assegurar o futuro duma obra tão notavel. Ela concluiu até com êxito o desenvolvimento das empresas industriais e creou a nova colônia de Benyamina.

Obstinadamente fiel á fé dos nossos antepassados, o barão Edmond de Rothschild foi numa época de dúvidas e erros, um autentico descendente dos nossos sábios, que como êle o dizia em termos magnificos no seu discurso de Tel-Aviv em 1925 «transmitiam de geração em geração aos seus filhos como um facho de luz, sem nunca o deixar apagar, o pensamento divino que eles conservaram no seu coração, os ensinamentos dos nossos livros sagrados».

Raymond-Raul Lambert

De «L'Univers Israelite» Traducção por David Morêno

• • •

YESHIBAH ROSH-PIRAH

Instituto Teologico Israelita

(Seminario destinado á preparaçãõ de guias espirituais israelitas)

Nomeações — Foram nomeados: Vice-Reitor deste Instituto o professor diplomado de ensino particular o nosso correli-gionário E. Jernstedt d'Almeida; 2.º secretario o rev.º mareh Samuel Rodrigues.

Programas: publicamos mais os seguintes programas do curso Geral Teologico deste Seminário:

Teologia dogmatica

- I—Existencia de Deus.
- II—Deus, nosso criador.
- III—Unidade divina e seus atributos.
- IV—Deus, nosso pai e nosso rei.
- V—A creação.
- VI—A Velha aliança com Noah.
- VII—A Aliança eterna com Israel.
- VIII—A autorga da Thorah, lei santificadora.
- IX—A Lei escrita e oral.
- X—Israel e as nações.
- XI—O povo da Thorah.
- XII—Os profetas, mentores do povo eleito.
- XIII—Leolam Abhah (o mundo futuro).

XIV—A redenção de Israel (temporal e espiritual).

Teologia moral

I—Bases da moral judaica: conhecimento de Deus e de seus atributos; o homem, sua natureza e suas faculdades; a humanidade e Israel.

II—Os nossos deveres para com Deus.

III—Deveres para com nós mesmos.

IV—Deveres para com os nossos semelhantes.

V—Deveres para com a nossa família.

VI—Deveres para com o Estado.

VII—Deveres para com a sociedade geral.

VIII—Deveres para com os pobres.

IX—Deveres para com os ricos.

X—Deveres para com os pequenos.

XI—Deveres para com os grandes.

XII—Deveres para com os estrangeiros.

XIII—Deveres para com os nossos inimigos.

XIV—Deveres para com os animais.

Livros adoptados: A moral do Sinai por Rabbi Lipman; a Pirké Aboth.

Conones (Dinim)

1.a CLASSE

I—Preceitos do levantar.

II—Do sissith e do Taleth.

III—Dos thephilin.

IV—Da oração matinal.

V—Da Benção dos cohanim.

VI—Do Sepher Thorah.

VII—Da Sinagoga.

VIII—Do Shabbath.

IX—De Rosh Hodesh (Lua Nova).

X—De Rosh Hashanah.

X—De Yom Kipur.

X—De Sukoth.

XI—De Hannukah.

XII—De Purim.

XIII—De Pascoa.

XIV—De Shabbuoth.

XV—De 9 de Ab.

XVI—Dos jejuns.

2.a CLASSE

I—Preceitos sobre alimentação:

a)—do pão.

b)—dos animais limpos e imundos.

c)—sacrificadura elementar (shehitah ketanah).

d)—do salgar da carne.

e)—do vinho e outras bebidas.

f)—das misturas de alimentos.

g)—da purificação dos utensilios.

h)—do refeitorio.

II—Preceitos sobre os jejuns.

III—Preceitos sobre a esinola.

VI—Preceitos sobre o estudo da Lei.

V—Preceitos sobre juizes.

VI—Preceitos sobre o commercio; sobre aquisição illicita; sobre emprestimos.

VII—Preceitos sobre idolatria e superstições.

IX—Preceitos sobre a assistencia a doentes.

X—Preceitos sobre os mortos e sua sepultura; sobre o luto.

XI—Preceitos do matrimonio.

XII—Preceitos sobre a mulher casada, viuva, cunhada e divorciada.

XIII—Preceitos sobre a circuncisão.

XIV—Preceitos sobre o resgate dos primogenitos.

XV—Preceitos sobre a admissão de proselitos.

XVI—Preceitos sobre o respeito filial.

XVII—Preceitos sobre agricultura.

XVIII—Preceitos sobre tecidos.

XIX—Preceitos sobre a reparação de perdas e dano.

XX—Preceitos sobre a mezuzah.

Programa de Homiletica

I—Orgãos da voz e condições do seu bom funcionamento. Defeitos de pronuncia e de modo de falar e maneira de os corrigir.

II—A arte da leitura.

III—Os gestos oratórios.

IV—Classificação dos temperamentos oratórios.

V—A preparação longinqua do estilo, da voz e do gesto. Aquisição dos elementos de cultura religiosa israelita (Biblia, Talmud, Historia, Teologia e Apologetica).

VI—A preparação proxima.

VII—A arte de compor um discurso.

VIII—O plano do discurso.

IX—A redacção do discurso.

- X—A revisão ou critica do discurso.
 XI—A preparação imediata.
 XII—As diferentes formas da arte oratoria religiosa.
 XIII—Importancia do ensino da homiletica.

Liturgia (Abodah)

1.a CLASSE

- I—Culto individual; oração ao levantar; lava-mãos; thefilim; thaleth; oração individual (shaarit, minnah, arbith) Berakhoth (bençãos), oração ao deitar.
 II—Liturgia do lar:
 a)—Mezuzah.
 b)—Birkat Hamazon.
 c)—Ritual das refeições em Shabbath e dias solenes.
 d)—Ritual da ceia pascal.
 e)—purificações.
 III—Culto publico:
 a)—Liturgia quotidiana.
 b)—Liturgia dos dias solenes (Lua Nova, Ano-Novo, Kipur, Sukoth, Hannukah, Purim, Pascoa, Shabuoth (pente-costes), 9 de ab.
 c)—Jejuns.

2.a CLASSE

- I—Liturgia circunstancial:
 a)—circumcisão.
 b)—fadar de menina.
 c)—resgate dos primogenitos.
 d)—casamentos.
 e)—orações por doentes e por mortos.
 f)—ritual do amortalhar um morto e de seu enterro.
 I—Leitura solene dos salmos (psalmodia).
 III—Conhecimento das Perashioth e Haptharoth e sua leitura solene.
 IV—Calendario hebraico. Passagem da era hebraica para a era vulgar e vice-versa.

História Israelita

2.a CLASSE

- I—O patriarcado.
 II—Moisés e a sua missão. Peregrinações pelo deserto. Lei escrita ou constituição mosaica.

- III—Jesué e a conquista.
 IV—Governo dos anciãos e dos juizes.
 V—Reinado de Saul; reinado de David e reinado do Salomão.
 VI—Acções mais notaveis dos reis de Israel e de Juda, e dos profetas que ali viveram.
 VII—Cativo de Babilonia—os profetas do cativo. Restauração do estado judaico.
 VIII—Alexandre Magno, Antiocho Epifanio e os macabeus.
 IX—Dinastia dos Asmoneus.
 X—Herodes, o grande-Hillel e Shammai. A dominação romana. A guerra dos judeus contra os romanos.
 XI—Yohanan Ben-Zakai. A revolta da Bar-Kohebah e Rabi Akibah. A dispersão.

2.a CLASSE

- I—Os judeus no imperio romano.
 II—O Talmud (Escolas da Palestina e de Babilonia).
 III—Os judeus sob os imperadores cristãos (romanos e bisantinos. Os judeus de Babilonia (e exilarcado) e a conquista arabe.
 IV—Os judeus sob o dominio arabe até á extinção do gaonato.
 V—Os judeus hispanicos sob o dominio gotico e moçulmano.
 VI—Os judeus em Portugal desde a origem á sua conversão geral.
 VII—O cripto-judaismo português (a inquisição, os cripto judeus em Portugal na França, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Italia, Turquia e America).
 VIII—A revolução franceza e sua influencia sobre a vida judaica.
 IX—O estado do judaismo no seculo XIX (a emancipação a assimilação, anti-semitismo e sionismo).
 X—O judaismo no seculo XX (os criptos judeus portugueses; a Grande Guerra a sua influencia na vida judaica; A obra de Resgate dos maranos em Portugal; o nacionalismo e os judeus.

Porto, 5—Tishri de 5695

14—Setembro de 1934

Deus experimenta o justo

Segundo conta o Midrach, Abraham deu um festim quando foi desmamado Isaac. Nesta ocasião Satan disse ao Santíssimo, bendito seja êle:

— Senhor do Universo aquele vêlho a quem tu favoreceste tanto e lhe deste um filho depois de velho, nem uma rola ou uma pomba te deu mas deu um festim aos seus amigos e êles não o ajudaram tanto como tu?

E o Santíssimo disse:

— Se eu lhe pedir o seu filho êle sacrificará sem hesitação.

E assim aconteceu. O Santíssimo pediu-lhe o filho e êle lho dava mas Deus não o quez e ofereceu-lhe um cordeiro para Abraham lho sacrificar em lugar de seu filho.

Rabi Jonathan diz:

— O vendedor de louça para mostrar ao comprador que a sua fazenda é boa, não experimenta a mais fraca mas sim a mais forte, porque a primeira a reduziria a pedaços, ao passo que na segunda podia bater sem receio.

Nün Azancot Ben-Rosh

• • •

Tradições Cripto-judaicas

Orações dos maranos de Vilarinho de Mogadouro

(Continuação do n.º 67)

ORAÇÃO N.º 5

Ó alto Deus de Israel, senhor poderoso de todo o Universo!

Tu é que fabricaste o Céu e a Terra para consolação dos pecadores. Os Céus te louvam, os ares, os mares, os peixes, os marinheiros porque tudo são obras de nosso Senhor.

Adonai nos dê graças e louvores pela sua infinita misericórdia. Amen.

ORAÇÃO N.º 6

Ó alto Deus de Israel, senhor poderoso

de todo o Universo! Tu é que fabricaste o Céu e a terra para consolação dos pecadores da qual prometestes aos nossos primeiros pais, Isaac, Jacob e Abraão, toda a nossa gente e ascendência, tôda a nossa geração, de Isaac, Jacob e Abraão nos dê a tua salvação.

ORAÇÃO N.º 7

Quem deixará mais de se lembrar que foi lançado a este mundo para amar e servir a Deus, mas são bárbaras as nossas ideias, que nos deitamos e alevantamos sem mais pensar que nos males e nos triunfos da terra nas boas glorias que nos servem para nos esclarecer as nossas almas.

Mais do que na vista do Eterno Ente vai lançando sobre nós a vossa era fazendo e espantando a nós mesmos dessa abobada Celeste, os Céus, nos estremece donde levantando-se novos ventos do deserto da Alibah e quasi traz os seus temerosos relâmpagos e no sol abrasador do ávido pó como hei-de esperar por Vós.

Meu Deus, se eu não vos mereço, quem chegará à face do Senhor Deus,

Adonai? E que êle te diga vai andando errante por essas estradas tão medonhas, aí serás levado ás águas correntes, aos fogos ardentes. Nem o sol, nem a lua se podem igualar com a alma que se vai apresentar perante o Senhor Deus Adonai porque quer observar a Sua Lei do Senhor Adonai. Amen.

(recolhidas pelo Snr. Moisés Abrantes).

• • •

Secção de Publicações

Poesias de Moisés Ben-Ezra

Editado pela The Jewish Publication Society of America, Broad and spring garden streets-Philadelphia—saiu recentemente à luz a tradução em inglês das obras poéticas do grande poeta e filosofo medieval da Andaluzia, Moisés Ben-Ezra, fazendo parte da colecção de Classicos hebraicos. Como os livros de Ben-Gabirol e de Judah Halevi, esta obra traz o texto hebraico em face da tradução.

Foi vertido em excelente linguagem

inglesa pelo distinto médico e poeta, Dr. Salomon Solis-Cohen, israelita sephardi da Norte-América.

O texto hebraico foi cuidadosamente verificado pelo Dr. Heinrich Brody, eminente autoridade sobre a poesia medieval hebraica, antigo Rabbi-mór da Comunidade israelita de Praga, cargo que deixou para dirigir o Instituto Schocken de Poesia Hebraica de Berlim, donde, em virtude da perseguição hitleriana, saiu para a Palestina.

E' pois um livro que deve figurar em tôdas as boas bibliotecas israelitas.

The Jewish Forum — 805 Broadway — New York City — No mês de Abril próximo passado entrou no 70.º ano da sua publicação esta boa revista de estudos judaicos, publicando então um numero dedicado ás damas israelitas e toda a sua colaboração foi feita pelas seguintes senhoras: Mrs. Maurice Steinfeld, da Federação Nacional do Templo Sisterhoo; Mrs. Hannah G. Salomon, do Conselho Nacional das mulheres judaicas; Mrs. Herbert S. Goldstein da secção feminina da União das Congregações Judaicas Ortodoxas da America; Mrs. Dora Spiegel da secção feminina da Sinagoga Unida da América; Mrs. David de Sola Pool, sapiente esposa de Sua Eminencia o Rabbi-mór dos sephardim da Norte-America, representante da Hadassah; Mrs. Miriam H. Ginsberg, da organização feminina mizrachi da America; Mrs. Gabriel Hamburger, da Ivrich; e misse Celia B. Slohm, presidente da Junior Hadassah.

Pelos nomes acima indicados se compreende fácilmente o brilhantismo da forma e da ideia do referido numero.



Os Abravaneis

Pouco antes das festividades Judaicas do ano novo estive no Porto o Snr. Jaques José Abravanel, descendente de Don Judah Abravanel, filho de Don Isac Abravanel, Rabbi-mór de Portugal e Ministro das Finanças de El-Rei Don Afonso V. Este jovem, que nasceu e mora em Constantinopla, não desejando perder a sua nacionalidade portuguesa da qual muito se honra veio expressamente a Portugal para cumprir as leis do serviço militar e conhecer interna-

mente o paiz dos seus illustres antepassados Cumprido o seu dever regressou a Constantinopla.

O Governo português, como se achava vago o cargo de Consul de Portugal em Constantinopla, correspondendo ao simpatico gesto do nobre israelita nomeou-o consul de Portugal.

O nosso consul cujo fino trato tivemos ocasião de constatar bem desempenhará a sua honrosa missão.

A nosso pedido, o digno Consul Abravanel enviou-nos a copia dum documento em francês acerca dos seus antepassados, que publicamos por ter interesse para a historia dos Judeus portugueses.

Eis a sua tradução em português:

Rabinato-mór da Salonica

A pedido de Don Sabetai Haim (David) Abravanel de lhe indicar a primeira pessoa estabelecida em Salonica da familia Abravanel, eu abaixo assinado Rabbi-mór de Salonica declaro que do prefacio da tradução hebraica do livro «Diaghi d'Amore» devido á pena de Don Leon Abravanel cognominado Don Leon el medico, filho do celebre homem d'estado português Don Isac Abravanel, tradução que foi editada pelos cuidados da Sociedade de Literatura Judaica MEKITSE NIRDAMIN, em Lyck no ano de 1871 (Tipografia Rudolf Siebert) resalta que no ano 5319 da Era israelita que corresponde ao ano 1559 da era nazarêna morreu em Salonica um homem illustre chamado Don Judá Abravanel neto do sobredito Don Leon el medico e bisneto de Don Isac Abravanel, homem de estado português, nascido em Lisboa no ano de 5197 da era israelita correspondente ao ano de 1437 da era nazarêna.

Resulta deste mesmo prefácio que o dito D. Juda Abravanel é, segundo o calculo do sabio Jager, o filho do filho mais velho de Don Leon el medico chamado Isac.

Baseando-me sobre o que precede, declaro que a primeira pessoa estabelecida em Salonica da familia Abravanel é o dito Don Judá Abravanel, morto em Salonica no ano de 5319 da era israelita.

Salonica, 27 de Fevereiro de 1913 (assinado) J. Meir autenticado com o sêlo do Rabinato-mór.

O signatario é actualmente Rabbi-mór dos Judeus do rito sephardi na Palestina.

História Sagrada Infantil

POR DAVID MORENO

CAPITULO XXVII

O TABERNÁCULO

DURANTE OS quarenta dias que Moisés permaneceu no Monte Sinai recebeu além dos Dez Mandamentos várias leis orais para o povo. Descendo depois, fez tudo que o Senhor lhe ordenara, a começar pela construção do *Tabernáculo*; era este um templo portátil, ao mesmo tempo símbolo da unidade nacional. O seu comprimento era de 30 covados e a sua altura 10; tinha pilares de pau setim podendo desarmar-se, tudo guarnecido de ouro e coberto de pedras preciosas. A tenda era dividida, por uma cortina, em duas partes: *Santo dos Santos*, a menor e *Santuário*, a maior. Era neste último que estava colocada a Arca de Aliança, espécie de cofre moldado a ouro e ou com dois querubins na tampa; continha as tábuas da aliança. Eram sete os principais objectos sagrados. 1.º o tabernáculo; 2.º a Arca da Aliança; 3.º o candelabro das sete velas; 4.º a mesa dos pães da proposição (feitos de farinha flôr e sem fermento); 5.º o altar dos perfumes; 6.º o altar dos holocaustos; 7.º a bacia de bronze (onde o sacerdote lavava as mãos depois dos sacrificios).

Terminado tudo isto foi aprovado por Moisés e, no primeiro dia do segundo ano, depois da saída do Egipto, o tabernáculo foi levantado. Os sacrificios celebravam-se numa mesa colocada num vasto adro que rodeava o tabernáculo.

Consistiam uns na imolação de novilhos, cabras ou pombas — *Cruentios* — e outros na oferta de perfumes, pastas e pães asmos — *Incruentos*.

CAPITULO XXVIII

AS FESTAS

As principais festas que os Israelitas celebravam eram: 1.ª a *Páscoa*, na qual comiam um carneiro assado, e pães asmos durante sete dias. Comemorava a saída do Egipto, «li-

bertação da casa da escravidão» graças a «...oisés; 2.ª *Pentecostes*. Comemorava a outorga da lei no Monte Sinai e era celebrada sete semanas depois da Páscoa. Visto que era esta a época das colheitas ofereciam a Deus as primicias dos frutos. 3.ª *Tabernáculos*. Nestas festas os Israelitas residiam em tendas, cobertas de ramos de árvores à imitação das que haviam feito no deserto por ordem de Deus, 4.ª *Expição* (Dia de Grande Perdão — Iom Kipur). Neste dia o sumo-sacerdote imolava um novilho pelos seus pecados e um outro pelos do povo. Depois entrava no Santo dos Santos, (só naquele dia do ano é que podia fazê-lo) e, de turíbulo na mão, incensava a arca e com o sangue da vítima aspergia o pavimento.

E' notavel como os Israelitas de hoje continuam ainda cumprindo rigorosamente estes ritos depois de tantos seculos passarem sobre elles.

Os ministros dô culto eram:

1.º O *Sumo Sacerdote*, cargo para que Moisés escolheu a Arão seu irmão; 2.º Os *Sacerdotes*, filhos de Arão encarregados de oferecer os sacrificios ordinários; 3.º os *Levistas* ou seja toda a tribo de Levi. Eram os encarregados de todos os demais serviços de templo.

(*Continúa*)



O Cemiterio dos «Portugueses em Bordeus

Em Bordeus, situado na direcção de Marné, encontra-se o velho cemitério dos Portugueses. Este campo de repouso, que existe há mais de três séculos, está tão retirado que é difficilimo descobri-lo.

Encaixada numa espécie de beco sem saída, a sua porta de entrada em forma de arcos de abobada está oculta por espesso arvoredado.

Apesar de muitas difficuldades o digno secretário do Consistoire, Edmond Laurent acompanhado pelo Dr. Sandler e Albert d'Henry Errara, conseguiram penetrar nêle tirando algumas fotografias que foram publicadas junto dum artigo deste

(*Continúa no proximo numero*)